

Comunicação e Trabalho: Iniciativas Digitais frente às crises de mercado na Amazônia Amapaense

Anézia Lima¹

Thiago Nunes²

Paulo Giraldi³

RESUMO

O desemprego e a crise socioeconômica vivida no Amapá são indicadores determinantes para a necessidade do trabalhador arranjar-se em iniciativas digitais como espaços de sobrevivência. Em decorrência das mudanças sociais, econômicas e profissionais atribuídas ao mercado de trabalho, novas habilidades e mercados vêm sendo explorados. Para minimizar os efeitos do desemprego, dificuldade de inserção em mercados consolidados e a competitividade, esses grupos se reinventam e buscam novas formas de alcançar o público com a venda de produtos ou oferta de serviços com o uso de plataformas, redes sociais, ou aplicativos.

É por meio dos fatores ligados à diminuição dos postos de trabalho, a exploração da mão de obra, que as atividades econômicas migram para novos mercados de trabalho, agora, com maior exploração e, inclusão das tecnologias digitais. Esse cenário turbulento gera cada vez mais ambientes de trabalho insalubres e a maior exigência de especializações para ocupação de cargos em empresas consolidadas

O estado do Amapá nos últimos dois anos vem ocupando o topo dos índices de desemprego. No último trimestre de 2019⁴, ocupou o primeiro lugar da taxa de desemprego do país, com 17,4% da população fora do mercado de trabalho formal, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No mesmo período, no ano 2020⁵, a taxa foi de 15,8%, com 59 mil desempregados. Os altos índices de desemprego

¹ Discente do 8º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI/ CNPq). E-mail: anezialima55@gmail.com

² Discente do 8º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/ CNPq). E-mail: thiagofelipeeng96@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Docente do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e do Mestrado em Desenvolvimento Regional (PPGMDR/UNIFAP). Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: paulogiraldi2@gmail.com

⁴ <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2020/02/14/com-29-mil-atras-de-trabalho-ha-mais-de-2-anos-ap-tem-maior-taxa-de-desemprego-do-pais.ghtml> | **Amapá registra em 2019 a maior taxa de desemprego do país**

⁵ <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2021/03/11/amapa-fechou-2020-com-59-mil-desempregados-e-30-mil-que-desistiram-de-procurar-trabalho.ghtml> | **Amapá fechou 2020 com 59 mil desempregados e 30 mil que desistiram de procurar trabalho**

abrem espaço para a necessidade da informalidade, que chegou a 48,1% no final de 2020, ou seja, quase metade da população ativa no mercado de trabalho atuava na informalidade.

Em contraponto a esses dados alarmantes de desempregados, o estado do Amapá, ocupa o primeiro lugar no índice de pessoas que trabalham por conta própria no país. São 36,7% da população, ou seja, 1 a cada 3 trabalhadores é autônomo. A taxa média nacional é de 26%.

Esse cenário evidencia lacunas sociais que refletem nos perfis de atuação em mercados que flertam com as iniciativas digitais. Esses aspectos são notados em estudos iniciados em 2018, na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), como a centralização de perfis de grupos majoritários (brancos, pardos, homens, com mais de 30 anos) reforçando estereótipos de desigualdade social, aumentando a dificuldade de acesso e permanência em negócios com ‘perfis de sucesso’, além da exclusão de grupos marginalizados (negros, homossexuais etc.).

Para a discussão do recorte apresentado nesta pesquisa, buscamos compreender a realidade do trabalho desses ‘empreendedores’ a partir da observação e estudo das relações de comunicação, formas de trabalho, perfis dos trabalhadores, rotina de trabalho e atuação no mercado de trabalho no Amapá. Além disso, faz-se necessário o entendimento das mudanças e adequações adotadas no cenário pandêmico vivido no mundo, para a reflexão das mudanças a serem instauradas em um cenário pós-pandemia.

Para essa investigação, utilizamos levantamentos teóricos bases para essa discussão: ‘Configurações do trabalho’ (Antunes, 1980); ‘Tecnologia e Trabalho’ (Pinto e Souza, 2017); Inovação e Mercado’ (Christensen, 2012), (Tidd e Bessant, 2015); Negócios, Empreendedorismo e Startups (Ries, 2011) e (Blank, 2013); ‘Trabalho no Brasil’ (Decca, 1996); Arranjos econômicos (Nonato et al., 2018).

Os resultados iniciais apontam para necessidade do debate e iniciativas urgentes acerca das novas formas de trabalho, constantemente acompanhadas de insalubridade, ausência do Estado e negação de direitos trabalhistas. Sendo assim, uma realidade representada pela tentativa de sobrevivência ao desemprego, fome e outras perdas. O ‘empreender’ acompanha a necessidade de sobreviver. Essas consequências foram evidenciadas durante a pandemia da Covid-19, retratando um cenário cruel adormecido pela falta de Políticas Públicas de Trabalho e a falsa crença que o ‘empreendedorismo’ deverá frear essa crise humanitária.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Trabalho; Iniciativas digitais; Amapá; Crise de mercado

REFERÊNCIAS

Christensen, C. (2012). O dilema da inovação: quando as novas tecnologias levam ao fracasso. São Paulo: M.Books.

Decca, M. A. (1996). Indústria, Trabalho e Cotidiano: Brasil - 1889 a 1930. São Paulo: Atual Editora.

Nonato, C., Pachi Filho, F. F., & Figaro, R. (2018). Relações de comunicação em novos arranjos alternativos e modelos de produção da notícia. *LÍBERO*, 21(41), 100-115.

Pinto, S. & Souza, L. (nov. 2017). Tecnologia e trabalho na era da informação. *Scientia Iuris*, Londrina, v. 21, n. 3, p.99-124. DOI: 10.5433/2178-8189.2017v21n 3p124. ISSN: 2178-8189. Acesso em: 16 abri. 2021.

Ries, E. (2012). A startup enxuta: como os empreendedores atuais utilizam a inovação contínua para criar empresas extremamente bem-sucedidas. SP: Lua de Papel.

Tidd, J. & Bessant, J. (2015). Gestão da inovação. Porto Alegre: Bookman.